

# A docilidade em questão

O discurso de Fernando Henrique Cardoso em Corumbá foi um inesperado exercício de retórica. Típico intelectual urbano, eminente sociólogo que passou a maior parte da vida se alimentando de materiais livrescos, ele caiu em doce êxtase diante da natureza, dos bichos e plantas do Pantanal. Mas é também um político, e, ao contrário de Capistrano de Abreu e Paulo Prado, não arvorou o triste jaburu como símbolo do Brasil. Otimista por dever de ofício, invocou um paradigma com sentido positivo, e apostou no jacaré.

Esse feioso réptil crocodiliano, o sáurio encouraçado de que falava Raul Bopp em *Cobra Norato*, não assusta o presidente em bucólico devaneio. Contataram-lhe que o jacaré só ataca quando atacado. Enternecido, ele descobre no animal uma condição quase humana. Acha-o "até mais que humano, porque é mais dócil que os humanos". Sede dóceis, parece dizer-nos FH, sede dóceis e atingíveis a virtude do jacaré.

Ora, docilidade no sentido pleno, é a do animais domesticados, e assim mesmo nem sempre: o cachorro morde, o cavalo escoiceia, o boi dá chifradas. Nem o jacaré é tão manso como o pinta o presidente. Segundo a enciclopédia *Delta-Larousse*, ele é um destemido devorador de suas presas. Só se acovarda diante de onça, deixando-se comer passivamente, sem esboçar o menor gesto de defesa. Os homens têm medo dele. Por isso o ameaçam com aquela máxima misteriosa: "Deixa estar, jacaré, que a lagoa há de secar".

Docilidade não é positivamente uma palavra simpática; muito menos docilidade de jacaré, um conceito dos mais duvidosos. O *homo sapiens* é a marca culminante na evolução das espécies. Mas certas situações desesperadas, como a comida escassa, podem transformá-lo num bicho mais feroz que esse Demônio da Tasmânia ora em evidência no noticiário.

Mas a que humanos se referia o presidente quanto faz o elogio do jacaré? É outra questão interessante. Disse a matéria do **JB** que muitas pessoas associaram a referência "a políticos envolvidos na crise entre o PSDB e o PFL". Estaria Fernando Henrique minimizando a responsabilidade de seu amigo Sérgio Motta, que desencadeou a crise com a entrevista à *Veja*.

Qual a taxa de docilidade de Serjão? Na aparência, é um macaco em loja de louça, para usar uma imagem zoológica, trocando a 15 pelo 17. Essa opinião, entretanto, já perdeu força. Nos meios políticos, e na opinião pública, cresce a convicção de que o ministro é leal a Fernando Henrique, velho companheiro, a ponto de se sacrificar arriscando posições que raiam pela temeridade.

Indóceis, para o presidente, são todos os que não concordam com ele. São os manifestantes que o vão quando, segundo deixou claro, deviam estar aplaudindo os acertos do seu governo. São os que marcham em protesto contra uma política econômica que produz pobreza, desemprego e desamparo social. Todos indóceis da pior indocilidade.

Sérgio Motta, ao contrário, representa a perfeição solidária do jacaré. Está cumprindo com êxito, até agora, o seu difícil papel.

A dupla FH-Serjão já foi antecipada por uma historietta que saiu no Brasil sob o título *O comendador Ventura por dentro e por fora*, uma adaptação de *El otro yo del Dr. Merengue*, do argentino Divito. O Dr. Merengue (Ventura), um sujeito importante, tinha como duplo, ou "outro eu", uma sombra que traduzia sem papas na língua o seu verdadeiro pensamento.

Sugere-se reviver os personagens em função da nossa realidade de hoje. Alguns políticos do próprio PSDB podem colaborar com experiências. Por exemplo, Tasso Jereissati o Ciro Gomes. Este último, em artigo recente sobre "Teatro e verdade em política (**JB**, 25/7), rasgou a fantasia: Sérgio Motta só diz o que ouve da boca de FH; neste regime presidencialista imperial, não poderia continuar magoando o chefe a toda hora e continuar ministro privilegiado; o teatro político precisa desses papéis duplos. Conclusão de Ciro Gomes: "o amigo mordeu para ajudar o presidente e este, estadista, sopra, tudo em nome da sagrada aliança que vai redimir o Brasil libertando-o do caipirismo para a modernidade neoliberal".

Falou, tucano indócil.